

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EJAI: IDENTIDADE, CIDADANIA E SABERES EM DIÁLOGO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Talita Santos Guedes de Moraes ¹
Carmi Ferraz Santos ²

RESUMO

O presente trabalho trata de um relato de experiência desenvolvido durante a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório em Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE. O estágio foi realizado em uma escola pública, localizada no município de Igarassu-PE, com uma turma modulada da EJAI- Fases I e II, no turno da noite. A turma era composta majoritariamente por mulheres, com estudantes de faixa etária entre 30 e 69 anos, marcadas por trajetórias de vida diversas e motivações distintas para o retorno à escolarização. A experiência envolveu observações e a aplicação de três vivências pedagógicas interdisciplinares nos componentes de História, Matemática e Geografia, articuladas a temas como identidade, documentos pessoais, lugar e direitos humanos. Dessa forma, as atividades foram elaboradas com base em diagnósticos dos níveis de escrita dos(as) estudantes e refletiram uma prática pedagógica dialógica, fundamentada na perspectiva freiriana de educação, que valoriza os saberes prévios e promove o reconhecimento da identidade. As vivências foram conduzidas com metodologia ativas e contextualizadas à realidade dos alunos, utilizando fichas, rodas de conversa e atividades escritas e visuais, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada estudante. Dessa maneira, a mediação docente buscou construir um ambiente de escuta, troca e valorização das experiências de vida dos(as) educandos(as), reconhecendo suas realidades e potencialidades. A participação ativa da turma e os relatos compartilhados revelaram o papel da EJAI como espaço que promove não apenas o acesso aos conteúdos escolares, mas também a construção de sentidos sobre suas identidades e direitos. A vivência reafirmou a importância de práticas sensíveis e comprometidas com a formação dos educandos, capazes de promover aprendizagens significativas e transformadoras.

Palavras-chave: EJAI, Identidade, Mediação dialógica.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, taliataguedes846@gmail.com;

² Doutora em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, carmiferraz@gmail.com.





INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) se constitui como um espaço de formação que ultrapassa a simples escolarização, sendo marcada por histórias de vida diversas, trajetórias interrompidas e o desejo de aprender e se reconhecer como sujeito de direitos. Na perspectiva freiriana, a prática educativa com jovens e adultos requer uma postura dialógica, que valorize os saberes prévios e promova aprendizagens significativas vinculadas à realidade dos(as) estudantes.

Nesse contexto, o presente trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido durante a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório em Educação de Jovens, Adultos e Idosos, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O estágio ocorreu em uma escola pública do município de Igarassu-PE, em uma turma modulada da EJAI – Fases I e II, no turno da noite, composta majoritariamente por mulheres, com idades entre 30 e 69 anos, que retornaram à escola motivadas por diferentes razões, como o desejo de alfabetização, a busca por oportunidades de trabalho e a valorização pessoal.

O objetivo deste trabalho é relatar as observações e vivências pedagógicas realizadas ao longo do estágio, evidenciando como práticas dialógicas e interdisciplinares podem potencializar aprendizagens na EJAI. As vivências foram desenvolvidas nos componentes curriculares de História, Matemática e Geografia, articuladas a temas como identidade, documentos pessoais, lugar e direitos humanos, partindo do diagnóstico inicial dos níveis de escrita dos(as) estudantes.

Metodologicamente, as vivências foram conduzidas com base em rodas de conversa, fichas de atividades, socialização de experiências e mediação docente sensível ao ritmo de cada educando(a). O estágio buscou integrar os conteúdos escolares aos contextos de vida dos(as) estudantes, fortalecendo vínculos e promovendo aprendizagens significativas.

Os resultados evidenciam que a EJAI, quando pautada na valorização da identidade e na mediação dialógica, configura-se como espaço de construção de saberes, de fortalecimento da cidadania e de reconhecimento das trajetórias de vida. Assim, reafirma-se a importância de práticas pedagógicas que dialoguem com as experiências dos(as) estudantes, promovendo transformações individuais e coletivas no processo educativo.





METODOLOGIA

O estágio supervisionado foi realizado de forma presencial em uma escola pública, localizada no município de Igarassu-PE, durante os meses de maio e junho de 2025. A instituição atende a diferentes etapas da educação básica, desde a Educação Infantil (crianças de 4 a 5 anos), passando pelo Ensino Fundamental– anos iniciais e finais (1º ao 9º ano), até a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), nos módulos I ao IV, no turno da noite.

O trabalho foi desenvolvido em uma turma modulada da EJAI– Fases I e II, composta por 34 estudantes matriculados, dos quais cerca de 15 frequentavam as aulas regularmente. A faixa etária variava entre 30 e 69 anos, sendo a maioria mulheres, com diferentes trajetórias de vida, ocupações e motivações para o retorno à escolarização. Entre os(as) estudantes, havia donas de casa, trabalhadores(as) autônomos(as), aposentados(as) e pessoas beneficiárias de programas sociais.

Os caminhos metodológicos envolveram duas etapas principais: observações diagnósticas e vivências pedagógicas. Na primeira etapa foram realizadas onze observações de aula, nas quais foram analisados a rotina pedagógica, a participação dos(as) estudantes, as interações em sala e o nível de apropriação da leitura e da escrita. Além disso, aplicou-se uma diagnose da escrita para identificar as fases de apropriação da escrita (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética). Vale destacar, que das avaliações diagnósticas, 6 estudantes pertenciam ao EJAI– Fase I, e 9 estudantes ao EJAI– Fase II. Os resultados dos alunos da Fase I foram: 1 estudante na fase pré-silábica, 1 na fase silábica de qualidade (2B), 1 na fase silábico-alfabética (2C) e 3 na fase alfabética (3A), ainda realizando trocas de letras. Já na Fase II, os resultados foram: 3 estudantes na fase alfabética (3A), também com trocas de letras, 2 na fase alfabética (3B), com razoável domínio das correspondências grafofônicas diretas, e 4 na fase alfabética (3C), com razoável domínio de algumas regras contextuais.

A segunda etapa, vivências pedagógicas, foi realizada a partir dos dados coletados nas observações e diagnósticos, na qual foram elaboradas e aplicadas três vivências interdisciplinares nos componentes de História, Matemática e Geografia. As aulas foram planejadas com metodologia ativa, pautadas na perspectiva freiriana, utilizando rodas de conversa, socialização de relatos, fichas de atividades e recursos visuais.





Todas as práticas foram registradas por meio de anotações de campo, registros fotográficos (com autorização da escola) e coleta das produções dos(as) estudantes. O percurso metodológico priorizou o respeito ao ritmo de aprendizagem, a valorização das experiências de vida dos sujeitos e a promoção de um ambiente de diálogo, de modo a articular os conteúdos escolares com o cotidiano dos(as) educandos(as).

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) é reconhecida como direito social e espaço de promoção da cidadania, assegurado pela legislação brasileira e pelas políticas públicas de educação. Mais do que possibilitar a escolarização formal, a EJAI constitui-se como oportunidade de ressignificação de trajetórias interrompidas e de fortalecimento da identidade dos(as) sujeitos que retornam ao espaço escolar (Recife, 2021).

Nesse sentido, Paulo Freire (2022) é referência fundamental para compreender a prática educativa na EJA. Pois, como reforça o autor, “estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria” (Freire, 2022, p. 64). Ou seja, é necessário que os educandos sejam sujeitos ativos no processo de aprendizagem, realizando, a partir dele, suas próprias leituras de mundo. Dessa forma, para Freire (2022), ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilitar a construção coletiva do saber por meio do diálogo e da valorização das experiências dos(as) educandos(as).

O ato pedagógico, portanto, exige uma postura de escuta e respeito às singularidades, considerando que os(as) estudantes são sujeitos históricos, portadores de saberes e capazes de realizar leituras críticas da realidade.

A prática docente na EJAI, ao ser orientada por uma perspectiva dialógica, deve promover aprendizagens significativas vinculadas ao cotidiano e às necessidades reais dos(as) educandos(as). Como destaca Freire (2022, p. 64), “um estudo crítico corresponde a um ensino igualmente crítico, que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo; leitura do texto e leitura do contexto”. Assim, a sala de aula deve ser compreendida como espaço de trocas e de construção de sentidos, onde os conhecimentos escolares dialogam com os saberes de vida.



Sanceverino (2016) também ressalta a importância da mediação pedagógica pautada no diálogo, compreendida como exigência existencial e política. Para a autora, a experiência formativa na EJA deve possibilitar que os(as) educandos(as) se reconheçam como protagonistas de sua aprendizagem, capazes de refletir sobre a realidade e transformá-la. Isso significa ir além da mera reprodução de conteúdos, oportunizando momentos de fala, escuta e partilha de experiências que fortaleçam a consciência crítica e a cidadania.

Dessa forma, a perspectiva teórica que fundamenta este trabalho articula a concepção freiriana de educação libertadora com a noção de mediação dialógica na EJAI, orientando práticas que reconhecem a identidade, valorizam os saberes prévios e promovem aprendizagens contextualizadas e significativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência do estágio possibilitou a realização de três vivências pedagógicas interdisciplinares, planejadas a partir das observações iniciais e do diagnóstico de escrita da turma. As propostas buscaram articular conteúdos escolares com situações reais, de modo a valorizar os saberes prévios dos(as) estudantes e promover aprendizagens significativas.

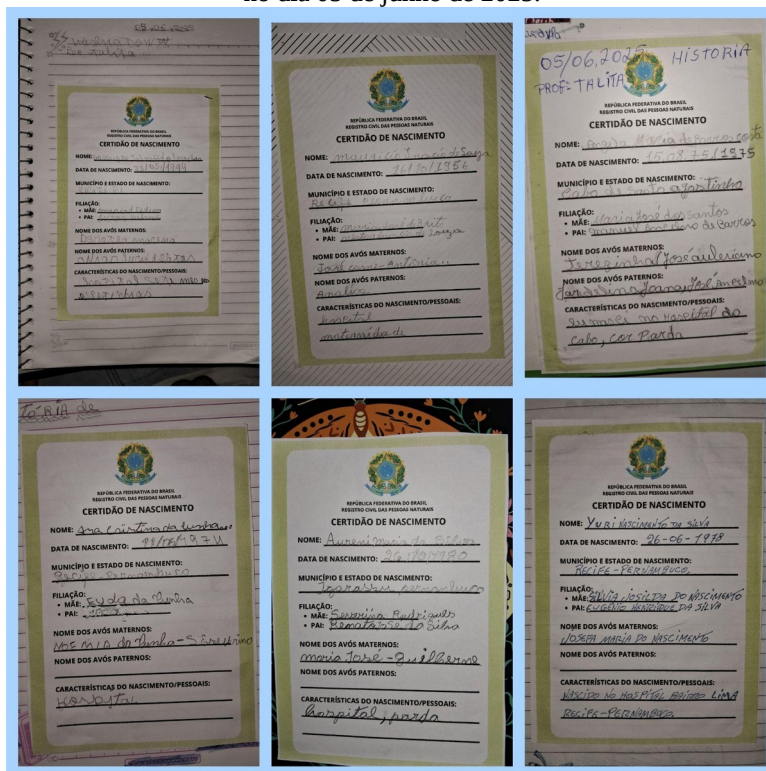
A primeira vivência foi realizada em 05 de junho de 2025, com duração de 1h40min e teve como foco o reconhecimento da identidade e do direito à nacionalidade. Para iniciar a aula, propus uma dinâmica intitulada “Quem sou eu?”, em que cada estudante disse seu nome completo, sua naturalidade e os apelidos pelos quais era conhecido(a). Esse momento inicial favoreceu a participação de todos, criando um ambiente de acolhimento e diálogo. A partir dessas falas, apresentei o Artigo 15 da Declaração dos Direitos Humanos, destacando que toda pessoa tem direito a uma nacionalidade. O diálogo coletivo trouxe reflexões sobre o sentido de pertencer a uma nação, e os(as) estudantes relacionaram a nacionalidade ao acesso à escola, à saúde e ao direito de votar.

Na sequência, introduzi o tema da certidão de nascimento como primeiro documento que comprova a nacionalidade. Mostrei a minha própria certidão, exemplificando as informações que ela contém. Os estudantes foram convidados a preencher uma ficha, elaborada no modelo de certidão de nascimento, registrando seu nome, data e local de nascimento, nomes dos pais e avós. Durante a atividade, surgiram discussões sobre erros de



grafia em documentos antigos e apelidos de familiares. Um momento marcante ocorreu quando uma estudante revelou que só conhecia o avô pelo apelido “Bio”, e outra colega explicou que “Bio” geralmente se refere a pessoas que se chamam Severino, o que gerou identificação e risos.

Imagem 1: Fotos da ficha de “Certidão de Nascimento” realizada pelos estudantes da turma do EJAI- fase I e II, no dia 05 de junho de 2025.



Fonte: autora

O encerramento ocorreu com uma roda de socialização, em que os(as) estudantes relataram suas impressões sobre a aula. Uma aluna comentou: “Gostei da atividade porque me fez lembrar de coisas que não costumo lembrar”. Esse resultado mostra como a prática contribuiu para o fortalecimento da memória afetiva e da identidade, ao mesmo tempo em que trabalhou a compreensão do documento como direito. Essa vivência confirma a perspectiva freiriana de que o conhecimento deve ser construído a partir da realidade dos sujeitos (Freire, 2022).

A segunda vivência ocorreu no dia 06 de junho de 2025, com duração de 1h40min, cujo temática foi intitulada “Números no contexto de documentos pessoais”. Retomando a





aula anterior, pedi que os estudantes observassem seus RGs, trazendo à discussão os números presentes no documento: data de nascimento, de emissão, número do RG e CPF. A turma se

mostrou curiosa quando expliquei sobre a validade do documento, relacionando a renovação à manutenção de benefícios sociais, como aposentadoria e Bolsa Família.

Em seguida, montei no quadro uma tabela coletiva com o nome, a data de nascimento e a data de expedição do RG de cada estudante. A partir desse material, propus perguntas problematizadoras: Quem é o mais novo e o mais velho da turma?; Qual documento está mais próximo do vencimento?; Quantos estudantes têm a mesma idade?. O diálogo gerou descobertas interessantes: dois estudantes perceberam que tinham a mesma idade (69 anos), enquanto outro se reconheceu como o mais jovem da turma (30 anos).

Na etapa seguinte, ensinei como calcular a idade a partir da subtração do ano atual menos o ano de nascimento, demonstrando o cálculo no quadro. A partir da demonstração do cálculo no quadro, os estudantes, então, resolveram uma ficha de atividade baseada nos dados da tabela que foi realizada coletivamente no quadro. Muitos apresentaram dificuldades na subtração com “empréstimo”, mas, com acompanhamento individual, conseguiram avançar. Um estudante comentou: “Descobri como calcular minha idade, vou ensinar a meus irmãos”.

Imagem 2: Fotos da ficha de matemática realizada pelos estudantes da turma do EJAI- fase I e II, no dia 06 de junho de 2025.





ESCOLA MUNICIPAL MIGUEL GOMES DE LIMA
PROFESSORA: TALITA SANTOS
DISCIPLINA: MATEMÁTICA
DATA: 06/06/2025

ALUNO (A): Maria Eduarda

FICHA DE ATIVIDADE- NÚMEROS NO CONTEXTO DE DOCUMENTOS PESSOAIS

1. ESCOLHA TRÊS ALUNOS DA TURMA, INCLUINDO VOCÊ, E COPIE DA TABELA DO QUADRO BRANCO AS INFORMAÇÕES PARA COMPLETAR A TABELA ABAIXO:

NOME	DATA DE NASCIMENTO	DATA DE EXPEDIÇÃO DO RG (IDENTIDADE)
Maria Eduarda	10/11/1995	05/09/2002
Valdeci	09/07/1990	12/12/2003
Thiara	06/10/1990	05/11/2003

2. UTILIZANDO OS DADOS DA TABELA, DESCUBRA A IDADE (ANOS) DE SEUS COLEGAS DE TURMA ATRAVÉS DO CÁLCULO DE SUBTRAÇÃO: ANO ATUAL (2025)- ANOS DE NASCIMENTOS.

1. $2025 - 1995 = 30$

2. $2025 - 1990 = 35$

3. $2025 - 1990 = 35$

3. DE ACORDO COM OS DADOS DA TABELA E DOS DADOS OBTIDOS, RESPONDA:

A) QUEM É O COLEGA MAIS VELHO ENTRE OS TRÊS (NOME E IDADE)?
Valdeci 63

B) QUAL DOS TRÊS ESTÁ PRÓXIMO DE RENOVAR O RG, E QUANTOS ANOS FALTA PARA A RENOVAÇÃO?
12/12/2003

C) DE ACORDO COM A TABELA, QUAL O ANO DE NASCIMENTO MAIS PRÓXIMO DO ANO ATUAL (2025)?
06/10/1990

Fonte: autora

O encerramento da segunda vivência foi marcado por falas espontâneas sobre as descobertas e pela compreensão de que os números estão presentes em situações práticas da vida. Essa vivência reafirma a importância de contextualizar a matemática, mostrando sua função social e seu vínculo com a identidade.

A terceira vivência foi realizada em 10 de junho de 2025, com duração de 1h55min, abordou o tema “O lugar onde vivemos: identidade, território e pertencimento”. Para iniciar, organizei a sala em círculo e escrevi no quadro o conceito de lugar na Geografia: “Lugar é o espaço onde vivemos, criamos memórias, trabalhamos, estudamos, construímos relações. Cada pessoa tem uma relação única com seu lugar.”

A aula teve início com a retomada dos conteúdos das vivências anteriores (História e Matemática), especialmente a conversa sobre nacionalidade, cidade e estado de nascimento-informações presentes na Certidão de Nascimento e no RG. Em seguida, fiz perguntas iniciais: De onde você veio? Você se sente parte do lugar onde vive hoje? O que esse lugar tem de especial para você?. Cada estudante compartilhou sua história de origem e de migração, revelando trajetórias diversas, como viver em diferentes estados ou retornar ao

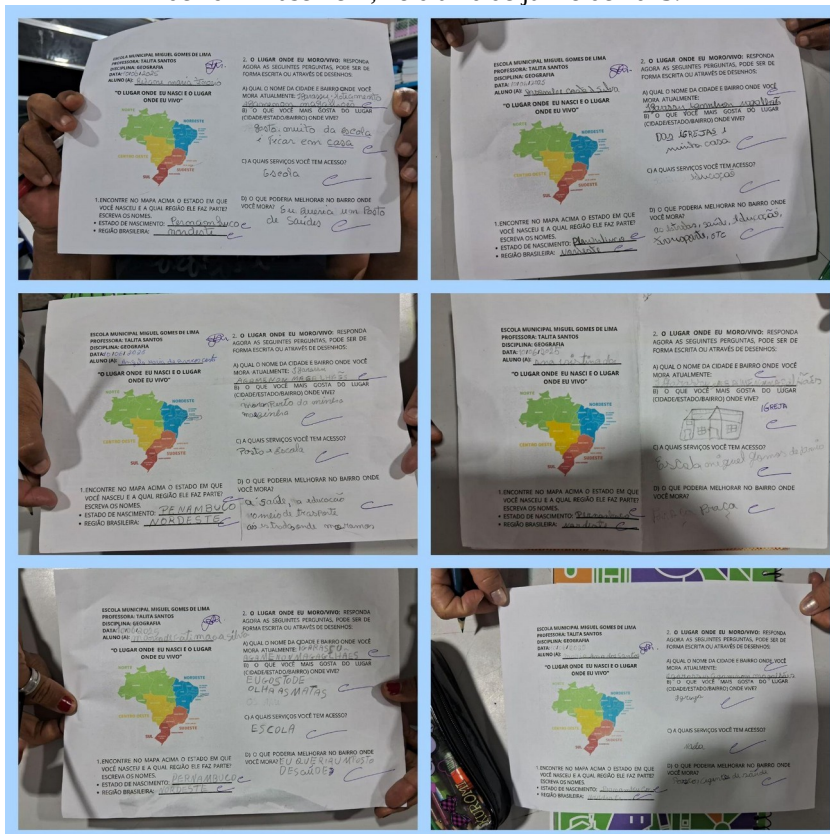


município de Igarassu-PE após anos morando em outras cidades. As falas foram carregadas de afetividade e memória, revelando vínculos profundos com os lugares vividos.

Na sequência, apresentei imagens do bairro no qual a escola está localizada e os educandos residem, e questionei se eles reconheciam elementos semelhantes em suas realidades. Surgiram reflexões sobre as transformações do lugar, como a substituição das pitangueiras por construções de casas e a precariedade do calçamento atual na estrada principal da escola. Em seguida a turma realizou uma atividade de ficha intitulada “O lugar onde eu nasci e o lugar onde eu vivo”, em que os(as) estudantes registraram por escrito ou em desenhos suas relações com os lugares.



Imagem 3: Fotos da ficha de “O lugar onde eu nasci e o lugar onde eu vivo” realizada pelos estudantes da turma de EJAI- fase I e II, no dia 10 de junho de 2025.



Fonte: autora

O momento final foi com a socialização da atividade, em que uma aluna destacou: “Meu bairro é rico porque temos uma bica que jorra água debaixo da terra, isso é uma riqueza só”. Outro estudante comentou: “Amo Igarassu, mesmo com seus defeitos”. A discussão foi enriquecida com a leitura do Artigo 25 da Declaração dos Direitos Humanos, relacionando o direito à moradia e ao bem-estar às condições do território. Esse diálogo reforçou a compreensão de que o lugar também faz parte da identidade, e que lutar por melhorias é um direito de todos.

As três vivências revelaram que práticas pedagógicas contextualizadas e dialógicas favorecem aprendizagens significativas, fortalecem vínculos e possibilitam que os(as) estudantes se reconheçam como sujeitos de direitos. Apesar das dificuldades enfrentadas, como a baixa frequência, a diversidade de níveis de escrita e as limitações em cálculos, a participação ativa e os relatos pessoais mostraram o potencial da EJAI como espaço de emancipação.





De acordo com Sanceverino (2016), a mediação dialógica na EJA cria oportunidades para que os(as) estudantes deixem de ser meros espectadores e se tornem protagonistas de sua formação. Essa constatação esteve presente em cada vivência, em que o diálogo, a escuta e a valorização da identidade se tornaram elementos centrais do processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no estágio supervisionado na EJAI reafirmou a importância de uma prática docente sensível, dialógica e comprometida com os sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. As três vivências pedagógicas, centradas em identidade, documentos pessoais, lugar e cidadania, revelaram o quanto o cotidiano dos(as) estudantes pode, e deve, ser ponto de partida para a construção do conhecimento, fortalecendo vínculos e promovendo aprendizagens significativas.

Foi possível perceber que, a cada aula, abria-se a oportunidade de ressignificar saberes, valorizar trajetórias e construir sentidos sobre identidade e direitos. Os relatos compartilhados neste relato mostraram que a EJAI não é apenas um espaço de alfabetização, mas também de troca de experiências e de fortalecimento da autoestima e da cidadania. Essa perspectiva se alinha à concepção freiriana de educação como prática libertadora, na qual ensinar e aprender são atos de diálogo e de transformação.

A escuta atenta às narrativas, dúvidas e memórias dos(as) estudantes mostrou-se essencial para o fortalecimento do vínculo pedagógico e para o desenvolvimento de aprendizagens que ultrapassam os conteúdos escolares, alcançando a vida em sua integralidade. Vale destacar que mesmo diante de desafios como a baixa frequência, a resistência a práticas diferentes das habituais, a heterogeneidade dos níveis de escrita e as dificuldades matemáticas, ficou evidente o desejo dos(as) estudantes de aprender, de se reconhecer como cidadão(ã) e de ocupar o espaço escolar e o mundo.

Dessa forma, vivenciar o EJAI foi uma experiência profundamente formativa, que exigiu sensibilidade, escuta e compromisso ético não apenas com os(as) estudantes, mas também com minha própria formação docente. A EJAI nos convida a olhar com profundidade





para as singularidades de cada sujeito e a construir, diariamente, uma educação que valorize saberes, histórias e sonhos, reafirmando o papel transformador da prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Ensinar não é transferir conhecimento**. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022, ed. 72, p. 47-87.

FREIRE, Paulo. **Primeira Carta**: Ensinar- aprender. Leitura do Mundo- Leitura da Palavra. In: FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia Não**: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022, ed. 37, p. 55-71.

RECIFE. Secretaria de Educação. **Política de ensino da rede municipal do Recife**: educação de jovens e adultos–currículo. Recife: Secretaria de Educação, 2021, 2. ed., v. 4.

SANCEVERINO, Adriana Regina. **Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos**: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. Revista Brasileira de Educação, v. 21, n. 65, p. 455-475, abr./jun. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216524>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

